

A IDADE AVANÇADA COMO SINAL DE BÊNÇÃO E SABEDORIA

Henriete Lichtenfels

“Estou agora com mais de noventa e três anos, portanto, não lá muito jovem. Em todo caso, não tão jovem quanto era aos noventa. Mas idade é algo relativo. Quando se continua a trabalhar e a estar aberto para a beleza do mundo ao redor, então se descobre que a velhice não significa, necessariamente envelhecer. Pelo menos não no sentido usual. Percebo hoje muitas coisas de forma mais profunda do que antes, e a vida me fascina cada vez mais”.

Pablo Casals, 1876/1973, nascido na Catalunha, violoncelista, Maestro, com 95 anos dirige um concerto com 80 violoncelistas em Nova York.

Avançar na idade pode significar ruína e decadência

Tradicionalmente, estar com a idade avançada, estar na velhice era considerado, e ainda é, para muitos, como um tempo exclusivamente de perdas. Nas imagens que temos de tempos passados, prevaleciam, até recentemente, quase que exclusivamente os processos degenerativos e os déficits. Era aceito que “velhice” representava “doença”, e que pessoas idosas teriam posicionamentos “decadentes”, “antiquados”, que atrapalhavam e prejudicavam o progresso da sociedade.¹

Nas sociedades instáveis, como as nômades e as primitivas agrícolas, cujos recursos dependiam da maior ou menor exaustão do solo, era bastante comum o sacrifício dos mais velhos, por se tornarem um fardo para todos os componentes do grupo.

Naquelas estáveis, como na China antiga, a longevidade, quando ocorria, era respeitada como o supremo bem, apesar de os jovens se rebelarem interiormente contra esse fato. Relatos destas épocas falam de anciãos que dominavam a família; a sogra comandava em casa e muitas vezes atormentava filhos e noras, oprimindo e espezinhando os mais jovens.

A Grécia antiga respeitava os anciãos como conselheiros, mas os ridicularizava nas comédias de Aristófanes, por exemplo. Platão e Aristóteles, os filósofos mais mar-

1. MAUAD, L. C. *Quanto mais velho, mais sábio?* www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos, 02/04/2002.

cantes da era clássica grega, tinham opiniões divergentes sobre a velhice. Platão via a velhice como época de sabedoria. Aristóteles, por sua vez, só via pontos negativos na velhice. Aos velhos tudo falta, julgava ele: generosidade, força, beleza, sobrando-lhes mesquinaria, hesitação, insegurança.

O “pater familias” romano era um senhor todo poderoso, acima do bem e do mal. De qualquer forma, se aparentemente os idosos eram líderes do senado romano e eram homenageados, a literatura não os poupava de críticas e de escárnio. Entretanto, a situação de preponderância do “pater familias” persistiu enquanto o sistema político se manteve oligárquico.²

O cristianismo não trouxe grandes modificações à condição dos mais velhos. No Renascimento, época do humanismo intelectual, o idoso não foi tratado com benevolência. Não era comum chegar à velhice na Idade Média. Reis e vassalos morriam entre os 48 e 56 anos e os servos nem a isso chegavam. Morria-se de epidemias e de pestes.

Em nossa sociedade, os mais jovens têm um preconceito etário pelo culto à beleza do jovem e seus potenciais – é um preconceito que se refere à discriminação de pessoas idosas e aos estereótipos negativos acerca da velhice. O idoso ainda é respeitado no contexto social ou familiar enquanto produzir ou detiver algum poder econômico, ou detiver uma alta performance física. Se incapacitado economicamente, ou doente, é muitas vezes rejeitado e condenado à exclusão familiar e à segregação. Pode-se dizer com certeza que velhice e pobreza se combinam em muitos aspectos, embora se louvem teoricamente a memória e a experiência dos idosos. Essa aceitação só parece possível na proporção da sua produtividade numa sociedade desenvolvida, industrializada e tecnologicizada como a nossa.

Avançar na idade pode significar sabedoria e bênção

Em revisão histórica, Clayton & Birren (1980) concluem que a humanidade defendeu a convicção de que existe uma forma de conhecimento superior a respeito de questões difíceis da existência, uma forma complexa e desejável, chamada “sabedoria”, que reflete uma compreensão básica e uma experiência da natureza, da realidade e do relacionamento do homem com essa realidade. Ainda que não tenhamos as origens exatas do termo “sabedoria”, e elas permaneçam obscuras, o tema aparece em antigos livros do Ocidente e do Oriente, há mais de 2000 anos. Nos textos clássicos, o conhecimento, o desejo e a habilidade de aprender e compreender, junto à capacidade de dar aconselhamentos, foram as qualidades mais associadas à sabedoria.

A sabedoria, ao longo do tempo, tem sido considerada como um ideal cultural. Antes de ser uma questão científica e de estudos, é uma questão humana. Podemos nos alicerçar em textos literários e religiosos muito antigos, como por exemplo nos Provérbios do rei Salomão, no Antigo Testamento, e nos seus sábios julgamentos. Salomão foi notado, especialmente, por sua astúcia e discernimento moral (1Rs 3,9.12),

2. NISKIER, A. *O saber na idade madura*, www.idademaior.com.br, abril 2004.

apego à justiça (1Rs 3,28) e grandíssimo entendimento e larga inteligência. Sabedoria foi igualada à prudência, conhecimentos e conselhos (Pr 8,12). São múltiplos os significados atribuídos à sabedoria na Bíblia Sagrada. Essa qualidade foi associada a pessoas jovens e, bem mais ainda, aos de idade avançada.³

A sabedoria relacionada aos mais velhos aliás, é mais freqüente e extensivamente encontrada, como objeto de discussões, nos livros antigos e medievais do que nos modernos.

Cícero (Marco Túlio, romano, político influente, jurista, filósofo, orador, nascido em 106 aC), no seu texto “Saber Envelhecer”, fala que as melhores armas para a velhice são o conhecimento – procurar constantemente conhecer mais e melhor todas as coisas que se apresentam – e a prática ininterrupta das virtudes. Acrescenta que essas armas podem ser cultivadas em qualquer idade e dão frutos soberbos ao terminarmos uma existência bem vivida. Nunca nos abandonam, estão sempre presentes até o último momento da vida.

“Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades como a sabedoria, a clarividência, o discernimento”, qualidades que especialmente a velhice pode utilizar, pois já teve larga experiência em situações vivenciadas, segundo Cícero.⁴

No último sermão de Buda, ele fala assim: “Quem não tiver a Sabedoria, não poderá ser considerado um realizador do Caminho, nem mesmo um fiel leigo. A Sabedoria é um navio seguro para a travessia do oceano da velhice, da doença e da morte. É uma luz no meio das trevas, é um elixir que cura todas as doenças, é um machado que corta todas as árvores das paixões. Por isso deveis vos esforçar para a obtenção e o desenvolvimento da Sabedoria”.⁵

A Bíblia, em Números 11,16-17, mostra que é clara a importância dos idosos, nos propósitos de Deus, para ajudar o povo de Israel. Foram eles que ajudaram Moisés a conduzir o povo com sua sabedoria e experiência, quando este se sentiu sobrecarregado, na orientação e no cuidado: “Disse então o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem os anciãos do povo e seus oficiais; e os trarárs perante a tenda da revelação, para que estejam contigo. Então descerei e ali falarei contigo, e tirarei do espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles o peso do povo para que tu não o leves só”. Moisés reconheceu que a vida dá sabedoria aos mais velhos e que eles podem ser decisivos em situações difíceis. Reconhecendo isto, em certo momento ele desafia o povo dizendo: “Interroga os anciãos e eles te dirão” (Dt 32,7).

Os idosos carregam consigo a experiência de vida, a sabedoria acumulada, o discernimento, a memória de acontecimentos maravilhosos que Deus operou na sua vida e na de seu povo. “Nossos pais nos contaram, ó Deus, a obra que realizaste em seus

3. MAUAD, L. C. *Quanto mais velho, mais sábio?* www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos, 02/04/2002

4. CÍCERO, M. T. *Saber Envelhecer*. Porto Alegre: L&PM,1999, p.18-19.

5. GONÇALVES, R. M. *Textos budistas e zen-budistas*. São Paulo: Cultrix, 1996, p.56.

dias, nos dias de outrora, com a tua mão...”, diz no Salmo 44,1-2. Temos relatos como em 2Sm 18, no conflito entre Absalão e seu pai Davi, onde o mais idoso dos dois mostra paciência, sabedoria e acima de tudo respeito pelos outros homens e pelas suas causas. Os jovens mostram-se com desrespeito, impetuosidade e inexperiência.⁶

Em muitas culturas tradicionais e implicitamente em todas as civilizações orientais, o acúmulo dos anos na vida de alguns significava um acúmulo de sabedoria. Homero representou Nestor como o mais velho e o mais sábio dos guerreiros gregos de Tróia. Cícero conta de seu amigo, o velho Quinto Fábio Máximo Cunctator, cinco vezes cônsul romano (era preciso um intervalo de dez anos entre dois consulados), que com muita idade fazia votar a lei Cíntia, destinada a proibir presentes e gratificações aos advogados em Roma. Além disso, conduzia as guerras com muita energia e vitalidade, tendo preconizado uma política de contemporização na luta contra Cartago, que lhe valeu o nome Cunctator: o Contemporizador.

Para Cícero, a idade avançada não é sinônimo de falta de memória, de inatividade. Muito pelo contrário, deve-se cultivá-la em todas as idades; aliás, os idosos mantêm a memória e a vivacidade, se permanecem intelectualmente ativos. Sófocles escrevia tragédias, que se tornaram famosas, quando já era bastante idoso. O mesmo ele relata dos primeiros filósofos como Pitágoras, Demócrito e Platão, que estudaram e trabalharam até o fim.⁷

Bênção e sabedoria: patrimônio ou conquista em idade avançada

“Ser idoso é algo maravilhoso,
quando não se desaprendeu
o que significa começar.” (Martin Buber)

Uma longevidade ampliada, a vivência de muitos anos exige da pessoa uma consciência ampliada. Pois de que me serve chegar aos 85 anos e ter uma consciência de um jovem adolescente? Ficarei estagnado, perguntando pelo sentido desta vida e desta decadência em termos físicos. Qual o sentido de tudo isto?

Na envelhecimento, o corpo, que durante anos conservou-se dentro de uma certa estabilidade, começa a enviar seus sinais de declínio; vai sofrendo periodicamente pequenos abalos, e não só não mais corresponde aos nossos anseios, como também não mobiliza olhares, passa sem ser notado. As mudanças são a cada dia mais acentuadas e perceptíveis a olho nu. A forma física refletida no espelho vai se distanciando daquela ideal, que antes nos serviu como protótipo de representação de nós mesmos. Quando voltamos o olhar para dentro, para nossa interioridade, existe um estranhamento: “Meu corpo não obedece minha cabeça; ou, muitas vezes, ao contrário, o corpo tem força, mas a mente não acompanha.” Quando olhamos em volta, não reconhecemos, nem somos reconhecidos. Não se quer parecer com os outros velhos: “velho” é lerdo,

6. RAMMINGER, O. H. *O velho no antigo testamento*. Trabalho Semestral, Escola Superior de teologia, São Leopoldo, 1976, p.13-14.

7. CÍCERO, M. T. *Saber Envelhecer*. Porto Alegre: L&PM,1999, p.18-19.

cansado, rabujento; velho é sempre o outro, nunca a gente mesmo. Como velhos, muitas vezes nos sentimos discriminados e, com nossos próprios preconceitos, vemo-nos rejeitados, isolados.⁸

A experiência atual de envelhecer está tão ligada ao número de anos que se vive, que a qualidade de vida nesses anos que se vive a mais, não é uma questão tratada no cotidiano. Pode-se ouvir facilmente: “Sua mãe tem 92 anos, que beleza! Parabéns!” Pouco se ouve: “Sua mãe tem 92 anos, que caminhada longa, ela está bem?!” O fato de uma vida ser prolongada nada diz a respeito do caráter desses dias acrescentados. A longevidade tornou-se uma meta em si, ninguém fala do que é que está sendo prolongado. Mal podemos acreditar que durante séculos os anos da velhice eram associados, não à doença e morte, mas à vitalidade e ao caráter. As pessoas em idade avançada não eram consideradas pessoas que estavam a um passo da morte, mas sólidos responsáveis de costumes e lendas, guardiães dos valores, mestres em trabalhos manuais e vozes preciosas nos conselhos. O que importava mais era a força do caráter provada pela extensão em anos. O caráter ruim com certeza durava também.

Simone de Beauvoir escreve muitas páginas sobre o Marechal Pétain, chefe do governo francês na época do nazismo, como pessoa idosa mesquinha, má, egoísta, vaidosa, indiferente, dura, evasiva. Nenhum destes traços, diz ela, pertenciam à sua velhice, mas sim ao seu caráter.

Essa noção é compartilhada em outros textos clássicos: na *República* de Platão, numa conversa entre Sócrates e o velho Céfalo, Sócrates diz: “O que o senhor tem a dizer da velhice? É uma parte difícil de suportar?” Céfalo divaga um pouco e fala da queixa dos idosos: “A triste ladainha de todos os sofrimentos pelos quais culpam a velhice”. Termina dizendo: “Existe apenas uma causa, Sócrates. Não é a velhice, mas o caráter do homem”.⁹

Temos na Bíblia, em Jó 12,12, uma pergunta instigante: “Com os idosos está a sabedoria, e na abundância dos dias o entendimento”?

Não procuramos somente a abundância dos dias, a longevidade em si, se esse prolongamento acrescentar somente mais dias de dor, tristeza e incapacidade. Pensamos em ampliar a idéia de viver mais. As expectativas de vida são forjadas por um caráter paradoxal: se, por um lado, o avançado dos anos atesta a aproximação de um fim, ou pelo menos que se está vivendo a última etapa da vida, a ciência acena para uma prorrogação do ‘tempo regulamentar’, para uma abundância de dias. Mas de que forma? As chances de novas perspectivas vão se tornando cada vez mais escassas. À angústia da iminência de perdas soma-se a necessidade de engajar-se; mas, como fazê-lo, frente à inexorabilidade da passagem do tempo, com seus efeitos sentidos duplamente: em si mesmo e nas barreiras sociais?

8. SCHACHTER-SHALOMI, Z. – MILLER, R. S. *Mais velhos, mais sábios: uma visão nova e profunda da arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

9. HILLMAN, L. *A força do caráter: e a poética da vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 48-49.

A Bíblia sustenta a seguinte perspectiva: “Aquele que for justo durante a sua vida crescerá sempre como a palmeira e o cedro do Líbano. Mesmo na velhice dará fruto, será cheio de seiva e de verdor” (Sl 92,13-16). De forma semelhante nos testemunham os textos de Lc 1,5-25.39-79 que os idosos justos poderão até mesmo conceber e dar à luz, como foi o caso de Zacarias e Isabel.

Visto por esta ótica, essa fase da vida pode se revelar engrandecedora, se se permitir o desenrolar de novos temas para os últimos capítulos, crescer como a palmeira, dar frutos, verdejar, até mesmo conceber e dar à luz. Porém, trata-se de tentar pôr em marcha um processo de mudança, para promover uma transformação em direção de outras novas transformações, que venham a definir melhor este período. O desafio será, em que medida cada um vai poder buscar algo novo dentro de si, ou mesmo recursos que no decorrer do tempo, poderão ter sido embotados, passados incólumes, mas que ainda se encontram à disposição para serem desenvolvidos.

A psicologia do desenvolvimento criou a teoria de curso de vida, que se desenvolveu a partir dos anos 70, de orientação dialética e que representa uma mudança de pensamento. Esta teoria defende a idéia de que a velhice apresenta um equilíbrio entre ganhos e perdas e que estes podem ser compensados por diversos mecanismos. A sabedoria é apontada como ganho típico da velhice e vista como produto da influência da cultura e da educação. É um tipo de conhecimento especializado, indicador da possibilidade de continuidade do desenvolvimento intelectual na velhice.

Atualmente, é reconhecido entre a ampla maioria de pesquisadores da área de ciências humanas que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida, sem um limite final. Cada período do ciclo de vida tem suas vivências e características específicas que é influenciado pelo anterior e que irá afetar o seguinte. Este conceito de desenvolvimento de ciclo de vida, processo vitalício, é fundamentalmente um processo onde nenhuma parte, nenhuma etapa é mais ou menos importante do que a outra.¹⁰

Paul Baltes (1987), pesquisador e líder dessa formulação de desenvolvimento de ciclo de vida, entende que a sabedoria pode aparecer e se desenvolver na terceira idade. Ele a define como conhecimento desenvolvido da pragmática fundamental da vida, “permitindo excelente julgamento e conselho sobre assuntos importantes e incertos”. Essa pragmática tem a ver com a conduta, interpretação e significado da vida. Diríamos: sabedoria é saber viver bem, é ser uma bênção.¹¹

Para Baltes, nem todas as pessoas se tornam sábias quando idosas, como nem todas se tornam especialistas em jogar xadrez ou em informática. Elas podem se desenvolver em qualquer idade, em qualquer período da vida. O envelhecimento poderia ser uma etapa propícia para isso, pois apresentaria as condições favoráveis que seriam: tempo para educação ou treinamento, prática no uso de habilidades necessárias, experiência de liderança e especialização na sua área de atuação.

10. PAPALIA, D.E. – OLDS, S. W. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

11. *Ibidem*, p.586.

Para Erik Erikson, psicanalista, a virtude que se poderia desenvolver nesse estágio de vida seria igualmente a sabedoria. Para ele sabedoria significa aceitar a vida que se viveu até ali, sem maiores arrependimentos, sem ficar engessado no que se poderia ter feito ou naquilo que poderia ter sido, mas não foi. Significa também aceitar que os pais e avós fizeram o melhor que podiam, e são merecedores de nosso amor, mesmo quando imperfeitos. Significa aceitar a morte como inevitável e não catastrófica. Resumindo: sabedoria significa aceitar a imperfeição da vida, de nossos pais e de nós mesmos.¹²

A pesquisa empírica tem mostrado que a experiência acumulada ao longo do tempo de vida é fator necessário, porém não suficiente, para explicar a emergência de conhecimento identificável como sábio. Este, segundo os pesquisadores, dar-se-ia quando há elevado conhecimento de fatos e de procedimentos, capacidade de considerar o contexto, capacidade de relativizar valores e circunstâncias e capacidade de levar em conta a incerteza em situações-problema envolvendo revisão, planejamento e manejo de vida.¹³

Sabedoria em muitos momentos é compreendida como “conhecimento sobre as coisas do mundo”. Conforme Stuart-Hamilton, alguns pesquisadores preferem usar este termo de maneira mais específica, nem sempre de forma concordante. As abordagens psicanalíticas, conforme Shea, usam-no vinculado a uma vida de experiências, conflitos pessoais e resoluções. Baltes & Smith o definem em termos de sagacidade dos julgamentos sobre problemas da vida real. Descobriu-se que a sabedoria é uma capacidade benéfica e está solidamente relacionada nas pessoas idosas, entre outras coisas, à satisfação com a vida.¹⁴

Na nossa cultura popular o envelhecimento está sendo definido como uma medida de quanto os adultos mais velhos decaíram em relação ao padrão ideal estabelecido pelos mais jovens, principalmente pela mídia. O “envelhecimento bem-sucedido”, na opinião da maioria dos estudiosos, é o grau em que o adulto mais velho consegue manter o mesmo nível de desempenho intelectual, cognitivo, que tinha quando mais jovem. Assim, imagina-se que a pessoa não continue se desenvolvendo, que permaneça numa espécie de homeostase mental quando atinge seu pico intelectual.¹⁵

Por certo, os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade, acharão terríveis todas as idades da vida, conforme Cícero. Mas toda pessoa que sabe tirar de si próprio o essencial não deveria achar difícil envelhecer com a natureza. Lembremos que Cervantes contava 68 anos quando terminou o *Dom Quixote*; as melhores composições de Bach aconteceram quando ele já tinha uma idade avançada; Galileu, aos 72 anos, mostrou ao mundo sua obra definitiva; a nossa compositora e escritora Chiquinha Gonzaga, que escreveu 77 partituras de peças teatrais e mais de

12. ERIKSON, E. *El ciclo vital completado*. Buenos Aires: Paidós, 1985.

13. MAUAD, L.C. *Quanto mais velho, mais sábio?* www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos, 02/04/2002

14. STUART-HAMILTON, I. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 51-52.

15. *Ibidem*, p. 184.

2000 composições em todos os gêneros, compôs a música da opereta Maria, de Viriato Corrêa, aos 80 anos de idade, e Rui Barbosa, aos 72 anos escreveu a sua famosa “Oração aos Moços”, que é uma de suas grandes peças.

Há pessoas que, por elas próprias, são capazes de promover esta renovação. Quando não dá certo num lugar e de uma forma, tentam em outros e de outras formas, pela própria capacidade de construção, desconstrução e reconstrução, que é por excelência a capacidade adaptativa do viver.

Em outros casos, a contribuição de grupos comunitários, poderá ser de grande valia, para criar condições de reformular idéias, modos de vida e, quem sabe, descobrir as faces positivas de si mesmo e desse período, o qual poderá ser vivido mais plenamente. A velhice transformar-se-ia num tempo de liberdade para novas escolhas. Isto seria tanto mais possível, quanto melhor os idosos conseguissem dispensar certos padrões, arriscar certos quadros habituais de referência, desembaraçar-se de um estilo padronizado de antigos modelos, conceitos, e preconceitos, dar-se ao luxo de explorar, de aventurar-se, de fazer descobertas espirituais empolgantes, de ter fluidez entre o ouvir e o falar para transmitir valores importantes.

Deus abençoou seu povo por intermédio de Moisés, quando este já estava muito velho e perante a morte. Em Deuteronômio 33,1-29 Moisés fala ao povo sobre sua caminhada, os perigos, a presença de Deus e sobre as conquistas durante a sua vida. Também pode falar do futuro feliz e promissor que ele vê e prevê na segurança de Deus.

“Se as coisas são inatingíveis,
Ora ...não é motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos,
Se não fora a presença das estrelas” (Mário Quintana).

Henriete Lichtenfels
Rua Honório Silveira Dias 1500/305
Bairro Higienópolis
90540-070 Porto Alegre, RS
Tel.: 51 33255379 – 51 33143599
henriete@uol.com.br